

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURA

KARIN ANTONIA DE SOUZA BECKER

**A IMAGEM FEMININA E SUA REPRESENTAÇÃO NOS CONTOS DE
MIA COUTO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2020

KARIN ANTONIA DE SOUZA BECKER

**A IMAGEM FEMININA E SUA REPRESENTAÇÃO NOS CONTOS DE
MIA COUTO**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura”.

Orientador: Prof. Dr. Ismael Scheffler.

CURITIBA - PR

2020

TERMO DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



A Imagem Feminina e sua representação nos contos de Mia Couto

por

KARIN ANTONIA DE SOUZA BECKER

Esta monografia foi apresentada às 09:45 do 5 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** – Polo de Rio Negro - PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**

marcio matiassi cantarin

Ismael Scheffler

Maurini de Souza

a autenticidade deste documento pode ser verificada através da URL:
<http://certificados.utfpr.edu.br/validar/EF60ED72>

DEDICATÓRIA

*Dedico esta, como todas as minhas conquistas
aos meus amados pais Antonio e Cleidenara.*

*Ao meu amado filho Felipe e ao meu
digníssimo esposo Daniel, meus melhores e maiores presentes e incentivadores.*

RESUMO

BECKER, K.A.S. *A imagem feminina e sua representação nos contos de Mia Couto*. 2020, 39f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós Graduação em Universidade aberta do Brasil Curitiba, 2020.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a imagem da mulher nos contos de Mia Couto. Sendo assim, foi realizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica em que se considerou a Crítica Feminista associada a uma análise literária por meio de revisão bibliográfica utilizando, em especial, autores como: Bonnici (2007), Butler (2013), Couto (2004), Duarte (2002). Os contos “*O Cesto*” e “*As Três Irmãs*” que compõem o livro *O Fios das Missangas*, de autoria do escritor Mia Couto, abordam a realidade de personagens femininas em Moçambique - África, e abordam a imagem da mulher e seus direitos básicos. Dentro deste contexto, se pretende verificar como ocorre o empoderamento, o feminismo e a utilização da imagem da mulher na sociedade. Assim, o autor mostra metaforicamente elementos sociais que justificam uma análise desses dois contos. A imagem da mulher é referência para o autor, de forma política e estética, visto como um símbolo de lutas pela igualdade e equidade para aquisição dos mesmos direitos e deveres perante a comunidade.

Palavras-chave: literatura; mulher; sociedade; contos; Mia Couto. .

ABSTRACT

This research aims to analyze the image of women in Mia Couto's tales. Therefore, a bibliographic research was initially carried out in which the Feminist Criticism was associated with a literary analysis through a bibliographic review using in particular the concept of feminism among some authors; Boncci (2007), Butler (2013), Couto (2004), Duarte (2002). The Tales O Cesto and The Three Sisters that compose the book O Fios das Missangas by Mia Couto, address the reality of female characters in Mozambique - Africa, which form the basis for addressing the image of women and their basic rights. Within this context, it is intended to verify how empowerment, feminism and the use of the image of women occurs in society. Thus, the author shows us metaphorically social elements that justify an analysis of these two stories. The image of the woman is a reference for the author, a work in a political and aesthetic way, seen as a symbol of struggles for equality and equity to acquire the same rights and duties before the community.

Keywords: Mia Couto; tales; literature; woman; society.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	06
2	FEMINISMO E SEUS ASPECTOS NA LITERATURA.....	09
3	CONTEXTO FEMINISMO NOS CONTOS DE MIA COUTO.....	17
4	ANÁLISE LITERÁRIA DOS CONTOS DE MIA COUTO.....	21
4.1	<i>O Cesto</i>	21
4.2	<i>As Três Irmãs</i>	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
6	REFERÊNCIAS.....	32
7	ANEXOS.....	35

1 INTRODUÇÃO

A produção desta monografia é fruto do curso de Pós-graduação Especialização de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Tema trabalhado na disciplina de Literatura Africana em Perspectiva Recepional pelo Professor Dr. Marcio Matiassi Cantarin, que foi trabalhado a ruptura de horizonte de expectativa, gerando grande curiosidade sobre o autor Mia Couto, suas personagens femininas e seus contos .

A presente pesquisa de caráter qualitativo é requisito de avaliação parcial para a conclusão do curso de pós-graduação. A importância deste tema foi abrangente. Perante a sociedade, foi possível perceber o despertar de consciência em relação às políticas aplicadas às mulheres, ao comportamento social e político, aprender com experiências de vários escritores aqui referenciados. A presente monografia veio agregar valores culturais, políticos e educacionais, tanto para fins pessoais, como acadêmicos e profissionais.

A Educação no Brasil caminha a passos lentos, desenvolver pesquisas sobre autores africanos mostra um papel fundamental na formação de identidade, levando o cidadão a compreensão que a verdadeira História do Brasil passa pelos afrodescendentes trabalhando a cultura e a história africana para que possamos abrir caminhos para a identificação e formação de estruturas políticas, a fim de garantir espaços no país.

O tema proposto é de suma importância para conhecer os aspectos das mulheres na sociedade e na literatura, através de novas políticas para o setor feminino no Brasil, em Moçambique e no mundo, foi desenvolvido por esta pesquisa uma análise sobre os contos do escritor Mia Couto “*O Cesto*” e “*As Três Irmãs*” como ele pode apropriar-se da imagem da mulher para desvelar mazelas sofridas por mulheres em uma sociedade de patriarcado detentora de poderes e ditames.

Mia Couto é considerado um grande escritor, poeta e jornalista moçambicano. Ganhou o *Prêmio Camões* de 2013, nascido na cidade da Beira, em Moçambique África, no dia 5 de julho de 1955, filho de emigrante português que por sua vez também era jornalista e poeta. Aos 14 anos, Couto publicou seu primeiro poema no Jornal Notícias da Beira, em 1971, mudou-se para a capital para graduar-se em medicina, não obteve sucesso. Tempo mais tarde em 1974, começou a trabalhar como jornalista na Tribuna e no Jornal de Notícias, em 1976, com a independência de seu

país tornou-se diretor da Agência de informação. Em 1985 largou o jornalismo para se dedicar no curso de Biologia com especialização em Ecologia.

Publicado em 1992 *Terra Sonambula*, seu primeiro livro de romance, passado em Moçambique pós-independência onde acontecia uma guerra civil que perdurou por dez anos. Em 1995 a obra ganhou o Prêmio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos.

Considerado um dos escritores mais bem-sucedidos de Moçambique, também o mais traduzido, divulgado e o mais vendido em Portugal. Um dos escritores mais conhecidos no Brasil, Mia Couto, trabalha em sua obra, uma África mestiça gosta de ressaltar que, abriga a maior diversidade genética cultural do mundo. Em seus contos ele coloca o ponto de vista do negro, da mulher ou da criança.

No primeiro capítulo, o objetivo é verificar aspectos relacionados à crítica literária feminista, comparando diretamente às temáticas da literatura de Língua Portuguesa a crítica pós-colonial e as questões de gênero discutidas.

No segundo capítulo, serão trabalhados o contexto do feminismo nos contos do autor e os aspectos relevantes para a literatura feminina, o autor proporciona voz aos seus personagens, utilizando-se da imagem da mulher moçambicana como referência para a sociedade.

No Terceiro capítulo, serão analisados os contos “*O Cesto*” e “*As Três Irmãs*”, para verificarmos aspectos relevantes sobre a imagem da mulher presente nos contos e seu desenvolvimento na sociedade.

Os instrumentos norteadores para elaborar esta monografia são: Crítica Feminista, a análise literária dos contos “*O Cesto*” e “*As Três Irmãs*”, que desvela aspectos sobre o imperialismo e como compreendê-lo, com a análise de suas dinâmicas de gênero, em que essas dinâmicas só podem ser esclarecidas a partir do estudo do poder (pós-colonialismo), assim podemos compreender questões sobre a identidade de um povo.

2 FEMINISMO E SEUS ASPECTOS NA LITERATURA

Com a urbanização, globalização, adição da cidadania e do exercício político democrático, novos movimentos sociais foram surgindo, com lutas mais fortes e consistentes, a crítica feminista enfatiza a importância das questões de gênero na história, política e cultura. O feminismo examina os relacionamentos e as consequências dos diferenciais dos poderes para a situação econômica, social e cultural das pessoas em diferentes lugares e períodos da história. A teoria feminista e a teoria pós-colonial ocupam-se de temas semelhantes de representação, voz, marginalidade, da relação entre política e literatura. O feminismo pós-colonial é muitas vezes entendido como uma construção acadêmica intrinsecamente ligada à ascensão dos estudos literários pós-coloniais na academia ocidental. Sendo assim, o conceito do feminismo é de lutas por igualdade, elucidados nos aspectos a imagem da mulher, desenvolvido nos contos de Mia Couto.

A crítica literária vem desenvolvendo um papel fundamental no processo de evolução do empoderamento feminino diante de alguns fatos é possível colocar alguns aspectos relevantes para a compreensão da literatura feminina. No fim do século XIX com a corrente artística e filosófica o decadentismo em Portugal, estabeleceu sobre a literatura, a separação entre os discursos histórico e ficcional, a exposição da ciência cruzava com a visão do ser humano, para o conjunto do social, a crítica literária teve seu avanço significativo no seu desenvolvimento, ocorreu no início do século XX configurando várias ramificações com fundamentos teóricos de diversos vetores como a Filosofia, a Sociologia, Política, Psicológica e a Área linguística (ZINANI, 2010).

A Literatura pós-colonial é toda produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias nos séculos XV e XXI. A “experiência de colonização, afirmando a tensão com o poder imperial enfatiza suas diferenças dos pressupostos do centro do império” (BONICCI, 2001, p. 20).

A apropriação “[...] da escrita feminina, deu seu início em 1827, quando foi autorizado oficialmente o letramento para meninas, com a constituição de 1824 a primeira do Brasil, embora poucas mulheres no século XVIII tivessem oportunidade de escrever. Em 15 de outubro de 1827 conhecida como a Lei geral que marcou o início das primeiras escolas no país, os cidadãos teriam acesso ao ensino gratuito. Na Europa, as mulheres já não tinham oportunidades, no Brasil isso não era diferente, mesmo com essa lei era difícil serem alfabetizadas, presas as convenções de um ambiente doméstico durante o período colonial a ignorância intelectual imperava. No fim do século XIX e início do século XX algumas mulheres obtiveram um pouco mais de oportunidades e suas reivindicações eram relacionadas aos

casamentos forçados, direito ao voto e o acesso à educação formal, eram os aspectos mais relevantes da escrita feminina”. (STAMATTO, 2002, p. 5).

Esses aspectos que envolviam a realidade feminina foram tão introjetados na imagem da mulher, que é impossível imaginá-las não sendo apenas do lar, detentores de todos os poderes desde os princípios dos tempos do patriarcado; julgaram válido manter a mulher em estado de dependência de fragilidade de inconstância.

No século XIX, recuperou-se uma imagem mais nítida das mulheres através de diários, fotos, cartas, testamentos, relatórios médicos e policiais, jornais e pinturas. No século XX elas ganharam visibilidade por meio de livros e manifestos de sua própria autoria, da mídia cada vez mais presente, dos sindicatos e dos movimentos sociais dos quais participam, das revistas que lhes são diretamente dirigidas, dos números com que são recenseadas. Enfim, toda sorte de documentos que o historiador utiliza para desvendar o passado foram largamente consultados para jogar o máximo de luz sobre histórias tão ricas e tão diversas. (PRIORE, 2012, p. 8).

Após um período de dominação masculina na literatura e de um período da decadência, na crítica literária se desenvolveram correntes durante o século XX tais como o formalismo e a estética da recepção. A crítica literária feminina veio ganhando destaque na segunda metade do século XX, desenvolvendo de modo geral, duas modalidades, resgatar obras que foram escritas por mulheres que se perderam no esquecimento ao longo do tempo quando a mulher escritora morria suas obras morriam também, a outra modalidade é revisitar obras independentes da autoria, buscando destacar várias vozes femininas, seus aspectos, suas temáticas, seus pensamentos, ideias e ideais.

Segundo Duarte (2002, p. 15). Um dos aspectos do feminismo de primeira onda é o direito básico de aprender a ler e escrever. Tempos mais tarde em 1870, a segunda onda se caracterizou pela quantidade de publicações feministas; um exemplo é *O Sexo Feminino*, dirigido por Francisca Senhorinha da Mota Diniz, em seus artigos, ela alertava sobre a ignorância como o principal inimigo das mulheres. No século XX, a terceira onda já se inicia com mulheres mais organizadas, que buscam pelo direito ao voto, cursos superiores e a ampliação do campo de trabalho. Neste período várias mulheres ganham destaque, mas uma delas que podemos citar é Bertha Lutz (1894-1986) formada em Biologia, tornou-se uma das mais expressivas mulheres que reivindicava o voto feminino e a igualdade dos direitos. Nos anos 70, a quarta onda marcou o início do ano Internacional da Mulher, estendido por todo o decênio (1975-1985), neste período, ocorreu lutas pela igualdade social, por direitos civis, por melhorias em ambientes de trabalho, pelo fim da ditadura, contra a censura militar, pelo direito de

expressão, pela redemocratização, pela anistia e por melhores condições de vida. Neste período também foi declarado pela ONU o dia Internacional da Mulher 8 de Março; podemos destacar nesse período Rose Marie Muraro pelos muitos livros que publicou, inclusive em pleno regime militar, e pela atuação firme e coerente em toda sua vida.

Novos pensamentos nos mostram em que podemos refletir sobre os textos escritos por mulheres e homens do século passado, assim, evidencia-se um amadurecimento sobre o feminismo e provavelmente uma nova onda surgirá diante desses pressupostos onde acontece uma análise sobre a imagem da mulher na história e na literatura.

Reverendo algumas obras escritas por ambos os gêneros é possível observar a imagem de uma mulher com estereótipos tão carregados, provenientes de uma sociedade patriarcal introjetadas na imagem da mulher que nem mesmo elas se imaginavam diferentes, constroem-se uma nova imagem feminina através de outro olhar desapropriado de pré-conceitos, um olhar sensível penetrante e dialético, compreensivo com a imagem de dentro do texto.

Já no século XX, a produção literária de escritoras femininas ampliou as ferramentas específicas de crítica que desempenhavam uma modalidade para avaliar questões autorais, também a representação da mulher em obras escritas por autores de ambos os gêneros foram ampliados.

Nesse primeiro momento da crítica feminista, o conceito de uma mulher leitora leva a asserção de uma continuidade entre a experiência das mulheres nas estruturas sociais e familiares e suas experiências como leitoras. A crítica formulada sobre esse postulado de continuidade interessa-se notavelmente pelas situações e pela psicologia das personagens femininas investigando as atitudes em relação às mulheres ou investigando as “imagens de mulher”, nas obras de um autor, um gênero ou um período. (CULLER, 1997, p. 56).

Conforme a pesquisadora Elaine Showalter (1994), a crítica problematiza questões do gênero feminino nomeado de Território Selvagem, Showalter refere-se por duas modalidades de crítica feminista, a primeira, de caráter ideológico, refere-se à leitura realizada pela mulher e discute a representação da figura feminina em textos literários, especialmente, os estereótipos veiculados na literatura; a segunda focaliza a mulher como escritora. Na primeira abordagem concentra-se a leitura feminina, em que a mulher desenvolve aspectos de emancipação, utilizando a escrita, linguagem como instrumento de libertação. Essa emancipação ocorre quando a mulher passa a utilizar da

linguagem para expressar seu ponto de vista, desempenhando múltiplos aspectos, com características androcêntricas da linguagem. Na segunda abordagem refere-se à mulher na condição de escritora revelada pela desigualdade do grupo em relação aos autores homens e ao segundo grupo que caracterizam os escritos femininos.

A relação das mulheres enquanto minoria colonizada com o poder e o discurso dominante é muitas vezes significada por um hiato ou uma relação de estranheza, em consequência da própria introdutibilidade ou liminaridade da sua diferença, funcionando na comunidade social como um elemento de resistência ao processo homogeneizante. (MACEDO, 2005, p. XXXIV).

Ocorrida no século XX a ampliação da escrita feminina com alargamentos dos instrumentos especializados de crítica passou a avaliar não só questões autorais, mas também a forma de como a mulher é representada em obras de ambos os sexos. Apesar do colonialíssimo e os feminismos existirem de maneiras opostos ao imperialismo e ao patriarcalismo, constituem-se um alicerce teórico de resistência à crítica literária, frequentemente tem ocultado dos textos literários os contextos históricos e sociais. Said (2000, p. XVIII) expõe “o modismo da semiologia, da desconstrução e até as descrições arqueológicas de Foucault [...] reduziu e muitas vezes, eliminou os ambientes mais sórdidos da ‘vida’ e da experiência histórica”. Parece ser uma prática ligar os textos literários à situação sociopolítica mundial lotada por conquistas imperiais e pelas desigualdades e dirimir certo idealismo.

Segundo Bonnici (2012, p. 25) “se o homem foi colonizado, a mulher na sociedade colonial, foi duplamente colonizada”. Sendo dessa forma a representação do feminino, quanto ao masculino, vão sendo referenciadas por costumes, cultura e hábitos de uma política social a qual pertencem. Distinguir diferenças entre homens e mulheres na sociedade, não basta e não correspondem a indagações dos movimentos feministas:

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação. (BUTLER, 2013, p. 19).

Com o passar do tempo a postura de submissão foi transformando-se por novas políticas sociais desenvolvidas para as mulheres. Vagarosamente as mulheres foram recuperando o que as foi negado. Em 1970 as publicações começaram a desenvolver projetos que envolviam a vida cotidiana. Essas publicações de cadernos de receitas e

dicas de cuidados do lar denominaram-se como “Cadernos goiabada” intitulados por Lygia Fagundes Telles.

Mais tarde, descontentes com seus cadernos e dicas de boa esposa, se empenharam em desenvolver escritas mais críticas sobre assuntos do dia a dia, buscaram as crônicas como uma maneira de desenvolver sua escrita. Assim, Teixeira nos coloca:

A literatura produzida por mulheres é aquela que envolve o gênero humano, aborda temas universais e que se diferencia por meio do ponto de vista, de temas abordados, de universos criados e, principalmente, do meio social da qual se origina e das condições antropológicas, socioeconômicas e culturais”. (TEIXEIRA, 2008, p. 48).

Sempre que algo novo surge, o estranhamento é normal e com ele o anunciador da diferença com o seu discurso à mulher, consegue delinear a imagem que tem de si própria e a do ambiente em que vive, transparecendo ideias e ideologias particulares que apresentam uma subjetividade dentro da literatura.

Atualmente a literatura feita por mulheres envolve a conquista da identidade e da escrita, vencidos os condicionamentos de uma ideologia que a manteve nas margens da cultura. Superadas as necessidades de apresentar-se sob o anonimato, de usar pseudônimo masculino e de utilizar-se de estratégias para mascarar seu desejo, a literatura escrita por mulheres engaja-se, hoje, num processo de reconstrução da categoria “mulher” enquanto questão de sentido e lugar privilegiado para a reconstrução do feminino e para a recuperação de experiências emudecidas pela tradição cultural dominante. (TEIXEIRA, 2008, p. 45).

O preconceito se estabelecia no ato de afirmar como mulheres escritoras tentariam uma introdução no mercado editorial, pois ocorria a comparação de autorias femininas e masculinas, esse preconceito era uma resistência social obsoleta em que considerava-se o sujeito mulher inferior ao sujeito homem. Sendo assim igualar as escritas de autoria feminina com a de autoria masculina seria igualá-la ao homem em mais uma questão de direitos sociais.

Esses aspectos e questões que configuram o âmago de uma crítica feminista procura desmontar os processos ideológicos patriarcais, discutem as representações na sociedade do gênero feminino e masculino, a crítica contribui aos estudos literários, desempenhando diferentes vetores. Ao levantar diferentes questões o cânone literário feminista é um instrumento que desenvolve aspectos sobre a estética, propondo uma nova leitura de obras literárias independente da autoria, considerando o ponto de vista feminino.

A mulher que tentasse usar seu intelecto, ao invés de explorar sua delicadeza, compreensão, submissão, afeição ao lar, inocência e ausência de ambição, estaria violando a ordem natural das coisas, bem como a tradição religiosa [...] a condição de subjugada da mulher deve ser tomada como sendo de vontade divina. (ZOLIN, 2009, p. 164).

Desta forma, a crítica feminina rompe os paradigmas no sentido de desmontar a ideologia de gênero imposta por uma cultura, estabelecendo o senso crítico e novas políticas educacionais, transformando uma esfera de submissão a um nível de igualdade. As obras literárias canônicas representam uma imagem de feminino onde as repetições de estereótipos culturais, exemplo da mulher sedutora, ou mulher angelical, outras vezes de uma imoralidade, entre outros aspectos que são introjetados sem verdade na imagem da mulher.

Foi na literatura que a mulher buscou encontrar o território proibido que lhe daria a saída da clausura através da linguagem e do pensamento. Mas, em toda conquista se paga um preço, e as mulheres da segunda metade do século XX, ao transgredirem as leis escritas que lhes proibiam o acesso à criação, perderam suas certezas, e tiveram que assumir o ônus de, a partir daquele momento, produzirem obras que deslocassem a visão masculina para criar personagens femininas, de cunho introspectivo. Começam, então, a avaliar e reavaliar o estado de inferiorização pertinente à condição feminina da época; e o discurso feminino, juntamente com outros até então relegados a uma margem cultural, passam a ter voz e vez. (LEITE, 2008, p. 59).

Mesmo com muitos avanços, sabemos que há muito a ser feito na sociedade atual, as mulheres são discriminadas, criticadas, desvalorizadas intelectualmente por lutarem por respeito, pelos seus direitos de igualdade, o poder e a economia ainda sofrem divisões em que o masculino prevalece. Sendo assim a literatura escrita feminina representa o inverso da ideologia patriarcal, dessa forma a sua escrita tem singularidades, pois possui maior sensibilidade as questões sociais, políticas, ideológicas, psicológicas das mulheres e da sociedade.

Ainda na literatura contemporânea, várias autoras preferem o anonimato das publicações de obras originais e autênticas, do que o reconhecimento estético e cultural. Assim podemos evidenciar certo exílio para evitar exposição de seu nome. Esse exílio se dá universalmente ao fato de mulheres ainda no nosso século sofrerem com dificuldades para superar barreiras de preconceito e de competitividade e comparações em relação aos homens.

Diante deste pressuposto, fica evidente que a literatura feminina fica à beira, tanto pela quantidade de escritoras estudadas, ou pela ausência nos séculos mais longínquos. Na atualidade, o fato de uma mulher ser escritora, representa ainda uma contravenção.

[...] a reflexão sobre a escrita de autoria feminina remete ao processo histórico que a produz, como fenômeno cultural, bem como as relações de poder no contorno de interesses que ocorrem na sociedade e que irão influenciar em seus significados. Dessa forma, é preciso refletir sobre o passado para que se possa compreender o presente (TEIXEIRA, 2008, p. 67).

Evidencia-se de que mesmo a crítica feminista marginalizada em muitos espaços vem cumprindo com o seu papel, o qual é desenvolver um importante aspecto de resistência e luta para recuperar os nomes esquecidos na literatura de autoria e de voz feminina. Mesmo na sociedade contemporânea em que vivemos, há fatores ligados ao patriarcalismo, desempenhar esse papel de resgate, simboliza um processo de ascensão da mulher, dignificando e colocando - a num nível de intelecto tão igual quanto ao do homem, convém ressaltar também que desenvolver esse papel na nossa sociedade requer audácia para buscarmos um futuro melhor e de equidade para todos.

As críticas feministas acreditam que a dimensão estética inclui tanto os temas quanto as formas, tanto os significados sociais quanto os anseios psíquicos. Elas são céticas em relação à visão de que a experiência estética possa ser completamente desinteressada, despida de qualquer referência ao mundo ou de fortes sensações prazerosas. Podemos apreciar na literatura o que não apreciaríamos na vida; a arte não é um mero espelho ou documento do mundo social. Ainda assim nossos gostos estéticos e inclinações não podem ser completamente separados de nossas vidas e interesses como seres sociais.

As críticas feministas concordariam com a observação de que a experiência estética é inseparável da memória, do contexto, do significado, e também do que somos, onde estamos, e de tudo o que já aconteceu conosco”. (FELSKI, 2003, p.142).

Um dos autores que podemos evidenciar na literatura que busca trazer a representação do feminino é o escritor Mia Couto; ele procura tirar a mulher de sua invisibilidade histórica, corroborando com os aspectos femininos que envolvem a sociedade. Da discussão de sua obra, nos ocuparemos nos capítulos seguintes.

3 CONTEXTO FEMININO NOS CONTOS DE MIA COUTO

Com a aprovação da Lei brasileira 10.639/2003 que busca garantir reconhecimento da cultura Africana e dos afrodescendentes na História do Brasil, Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Mas a realidade é outra. Nem todas as pessoas têm acesso à literatura e a educação, necessitando de outros suportes para desenvolver um papel fundamental na formação da identidade brasileira. É evidente que a falta de educação e de recursos, o conhecimento sobre a cultura africana cria um impedimento intelectual da história sobre a visão dos descendentes. Desenvolver aspectos reflexivos sobre a desigualdade no Brasil contemporâneo requer uma retrospectiva que nos leva nos primórdios do tempo a um reencontro com a África.

Assim, para ser possível desenvolver a pesquisa, será abordada a literatura estrangeira a partir do final do século XX. Nesse período podemos rever o autor moçambicano Mia Couto desenvolvendo projetos e se consolidando como escritor de uma literatura com aspectos de seu povo.

O conceito de literatura vem despertando certa curiosidade e discussões na sociedade atual, o homem vem perdendo espaço, as transformações sociais, religiosas, geográficas, políticas e culturais vem se intensificando. Na literatura, o homem vem perdendo a sua base conservadora que o coloca como transformador cultural. Assim a globalização tem influência direta, as mudanças constantes na sociedade moderna têm atingido alterações nas crenças, comportamentos, relações e outros. Essas mudanças evidenciam que não há mais uma única literatura, mas vários aspectos literários e suas ramificações.

Desta forma podemos observar que o contexto europeu deixou fortes marcas na literatura africana. Mas essas demonstrações de superioridade branca colonizadora, proprietária de todo saber não se vincula só ao sujeito negro. Mia Couto embora branco de descendência portuguesa, também sofreu com a ascendência da educação europeia sendo privilegiado, nasceu e foi escolarizado na Beira, cidade capital da província de

Sofala, em Moçambique -África absorveu a cultura imperialista que era imposta pelo colonizador.

As narrativas da literatura portuguesa concentrada no poder na dominação, em quanto o sujeito negro são apresentadas como um ser inferior hostilizado e marginalizado desprovido de intelecto.

No contexto da literatura colonial por décadas exaltada, o homem negro aparece como que por acidente, por vezes visto paternalisticamente e, quando tal acontece, é já um avanço, porque a norma é a sua animalização ou coisificação. O branco é elevado à categoria de herói mítico, desbravador de terras inóspitas, o portador de uma cultura superior. (FERREIRA ,1977, p.10).

O processo de libertação só se inicia no século XX, com o discernimento das questões sociais entre alfabetizados e não alfabetizados, assim, os conhecedores da escrita ou da língua portuguesa iniciam o processo de libertação, tal conhecimento adquirido unificou as comunicações entre africanos dando-lhes mais autonomia e expressão cultural. A oralidade é um fator de suma importância, ela é considerada a escola para a cultura africana, essa sabedoria se dá pelas experiências vividas, assim, um contador de história, desenvolve um papel muito importante, ela inicia a criança e o jovem no mundo adulto desempenhando um papel cultural na sociedade.

A oralidade na cultura africana está ligada a subsistência da memória como conservadora do conhecimento empírico, valores morais e assim a palavra transmite o direito de ensinar. Vale ressaltar a importância da literatura originada na tradição oral, por muito tempo que foi tratada como paraliteratura instalando um sentido de inferioridade.

Para Mia Couto, representante desta literatura adulta, estilo narrativo, que marca os verdadeiros traços da literatura Africana, a literatura moçambicana é marcada pela história, pela busca de uma identidade que nos traz o resgate da ancestralidade de seu povo, o autor nos coloca uma linguagem de protesto, resgate cultural, apresentando traços poéticos e neologismo, linguagens e termos nativos.

Conseguimos evidências de que o autor coloca em sua escrita a resistência do seu povo frente ao colonizador, também desenvolve elementos fantásticos, em que subverte o imaginário, colocando a realidade caótica a sua volta como uma forma de resistência, onde o imaginário é transformado, misturando elementos animistas, termo aplicado por WITTMANN (2012, p. 33), colocando harmonia entre os elementos de morte e vida.

Desta forma o fantástico torna-se importante em que o autor, recria um mundo parecido com o real, onde leva o leitor a identificar-se com a realidade, entretanto o surgimento de qualquer outro fator, metaempírico ou sobrenatural pode desestabilizar esta realidade causando uma inquietação. “No imaginário africano os elementos míticos e históricos convivem em harmonia, paradoxalmente, o mítico na África é também “real” e “histórico” (WITTMANN, 2012, p. 33).

A cultura Africana e a literatura de Mia Couto transcendem seus costumes e vivências religiosas, identificadas como animista esse aspecto procura desenvolver a recuperação da ancestralidade do povo africano. Assim o autor Mia Couto cria um mundo fictício em seus contos representando a realidade, mas não se atém a ela. Esses momentos e revelações conduzem o leitor a aprofundar-se criando expectativas que ultrapassam os limites da racionalidade.

O presente autor nos mostra que:

O mundo fictício ou mimético que frequentemente reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade empírica exterior à obra, torna-se, portanto, representativo para algo além dele, principalmente além da realidade empírica, mas imanente à obra. (apud Borges, 1998, p. 12).

Há evidência que caracterizam a obra literária de Mia Couto com três fatores; o problema ontológico, o problema lógico e o problema epistemológico. O primeiro fator o problema ontológico está correlacionado a criação do autor, é um ato intencional podendo ou não ter relevância com a realidade, ou fato projetado. O segundo fator, problema lógico está questionando a autenticidade, ou seja, a coerência da obra. O terceiro fator, problema epistemológico, está relacionado ao personagem, assim o personagem desenvolve o trabalho da ficção, garantindo que a imaginação se desenvolva, a personagem que com mais nitidez torna patente à ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza.

Segundo diversos autores (ANGELIS, 2013) é possível visualizar nas obras do autor Mia Couto que as personagens interagem dentro do contexto, proporcionando o resgate da cultura social e intelectual de seu povo. Essa temática que o autor nos proporciona mostra o poder social e como o ficcional animista reflete no leitor. Essa literatura de Couto desdobra-se em suas poesias, contos, romances, na construção de todas essas obras, seus personagens e no uso das palavras, toda essa experiência é de vida da sociedade Moçambicana é o contexto cultural.

Assim a possibilidade do autor colocar toda a cultura de seu país a disposição de todos. A literatura se torna uma arma de protesto e de resgate da cultural, apresenta traços inventivos como a poeticidade, neologismos, termos nativos, dentre outros, evidenciando a cultura local com a cultura europeia. De acordo com Roger Chartier, “a literatura proporciona à sociedade, possibilidades de representação, questionamentos, ressignificação e transformação social” (CHARTIER, 1990, p. 38).

Conforme Mia Couto (2017) afirmou em entrevista a ONU, “em que coloca a literatura e a língua portuguesa como um prática da resistência, “militância da diversidade”. Inserindo personagens brancos europeus em suas obras para contrapor a realidade de Moçambique, afetando os personagens por suas crenças e cultura africana, debatendo o cotidiano vivido por Moçambique, criticando e expondo a realidade de uma sociedade pós-colonial.

E notório o papel do autor, de desvelar os ditames de uma época pós-colonial, em que a literatura desempenha papel fundamental na construção de uma identidade nacional “desconstrói a realidade colonial lingüisticamente, denunciando-a tematicamente” (TUTIKIAN, 2006, p. 85).

Conforme Borges (2017, p.29) argumenta, ao analisarmos a literatura de Mia Couto, podemos evidenciá-la como um elemento de pesquisa do comportamento social da vida humana. Esse comportamento do homem em relação as suas atitudes e crenças, com valores empíricos, carregado de significado, busca uma ressignificação no mundo. Como um grande observador das relações humanas, Couto nos traduz as implicações sociais de um povo, principalmente as mulheres, para vencerem uma base social dominante, marcada pela desigualdade, onde sua voz, não é ouvida. Assim suas obras nos transmitem sentimentos de uma realidade onde várias manifestações lutam por seus direitos, de Igualdade e Liberdade.

4 ANÁLISE LITERÁRIA DOS CONTOS DE MIA COUTO

4.1 *O Cesto*

Ao refletir-se sobre a imagem da mulher na sociedade africana e seus vários saberes, relacionados às suas experiências e vivências ao longo dos séculos, dessa forma elas auxiliam na construção da nossa sociedade, cultura tanto do Brasil quanto de Moçambique

Os estudos de gênero, de questões raciais étnicas certificam-nos, que pesquisas sobre assuntos relacionados às mulheres negras, brancas, de qualquer afinidade sexual, devem ser promovidas evidenciados continuamente, pois permitem maior conhecimento acerca das suas vivências. Assim observando trabalhos contra a desigualdade racial e social que as rodeiam. A imagem da mulher desde os princípios sofre duplo preconceito tanto dos termos raciais, físicos, de classe e gênero, negra ou branca desde a escravidão, ou outras épocas das histórias onde é subjugada, sofrendo perseguições, marginalização discriminação, pelo simples fato de ser mulher.

Ser mulher e ser negra no Brasil significa está inserida num ciclo de marginalização e discriminação social. Isso é resultado de todo um contexto histórico, que precisa ser analisado na busca de soluções para antigos estigmas e dogmas.(...) Ascender socialmente é algo muito difícil para a mulher negra, são muitos obstáculos a serem superados. O período escravocrata deixou como herança o pensamento popular, em que, elas só servem para trabalhar como domésticas ou exibindo seus corpos. As que se destacam, tiveram que provar mais vezes do que as mulheres brancas a sua competência, por isso, é que é possível afirmar que a questão de gênero é um complicador, mas se esta for somada a questão de raça, o resultado é maior exclusão e dificuldades. Analisando dados de pesquisas realizadas pelo DIEESE e outros órgãos, é possível verificar que o preconceito resulta em salários mais baixos para os negros em relação aos brancos, incluindo o item gênero, infere-se que o homem negro ocupa um patamar abaixo do da mulher branca quanto ao rendimento salarial. Mas as mulheres negras se encontram ainda mais abaixo na pirâmide ocupacional. (SANTOS, 2009, p. 03).

A imagem da mulher na sociedade Moçambicana e Brasileira não possui as suas próprias escolhas e muitas vezes não tem nenhum recurso como: políticas públicas, direitos de igualdade, trabalhos com ênfase salarial de igualdade aos homens, direito a educação de qualidade. O Autor Mia Couto, transforma a imagem da mulher num

símbolo de resistência contra os ditames do seu país, esse símbolo ganha vida própria, tornando-a uma heroína contemporânea, personagem forte e transformador com conceitos humanos, mas de forma a desenvolver-se em contos fantásticos.

Essa era a realidade que estava posta para as mulheres africanas racialmente escravizadas: apesar de se perceberem como gestoras de vida político-econômica e de civilização, pelo seu lugar na sociedade colonial e escravagista era com fardo que exerciam qualquer posição que excedesse a condição de mulher objeto, mulher sexo e mulher labor. Portanto, dentro da estrutura de dominação e opressão que pesava sobre elas, as mulheres negras viram-se fadadas a reconstruírem-se como mulheres nesse curto espaço de negociação. (apud OLIVEIRA ,2015).

Segundo BORGES (2017, p.27), a construção de um país pós-guerra levou o autor a escrever contos, poemas, histórias, retratando o seu povo. Desvelando uma rotina cultural de identidade do seu país. Couto compõem suas narrativas de forma clara e sensível, buscando a crença, a cultura local, sua ancestralidade como base de recursos do dia a dia de suas vivências.

Evidencia-se em sua obra o cotidiano de personagens da comunidade moçambicana. Utilizando-se de uma linguagem simples, traz para seus leitores, a natural visão crítica de uma sociedade centrada no pós-guerra e pós colonialismo. Com seus argumentos críticos e sutis, transforma uma simples narrativa em ruptura do horizonte de expectativa. Assim Couto da emancipação aos seus personagens, femininos, destacando a imagem da mulher num ambiente hostilizado pelo patriarcado, denunciando as mazelas de um povo. São textos curtos que versam pelo universo feminino, retratando mulheres saudosas de amores passados, ou futuros, vivenciando o luto, vítimas de abandono ou, violência doméstica.

Considerando-se o levantamento feito nesta monografia, com a crítica literária feminista e os aspectos do contexto das obras do escritor moçambicano Mia Couto, evidencia-se em suas narrativas a imagem da mulher como personagens dependentes de uma sociedade patriarcal. A ficção desenvolvida em seus contos nos revela uma fácil absorção de informação, facilitando a compreensão por parte do leitor. Dentro desse contexto manifesta-se uma analogia que o escritor faz. “A missanga, todas as vêm. Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas. Destes modos a voz do poeta constrói um fio de silêncio costurando o tempo”. Indicando a analogia do autor 29 missangas 29 contos (COUTO, 2004, p.73).

Nos contos analisado nesta pesquisa, Couto coloca a mulher como forte fonte de inspiração, não trabalha, traços, depreciativos, mas sim traços poéticos fortes ligados muitas vezes, as histórias, locais, não transforma a mulher em objeto de sexualidade, onde o seu corpo é sinônimo de recreações.

“*O Cesto*” terceiro conto dessa constelação de 29 contos, sustentadas pelo fio narrativo, integrante da obra *O Fio das Missangas*, narra as desventuras de uma mulher às voltas com o marido em coma, internado em um hospital. A iminência da morte do cônjuge desencadeia na protagonista uma reflexão acerca de sua vida, com um desfecho inesperado.

Neste primeiro conto analisado, “*O Cesto*¹” o autor nos revela a hostilidade sofrida pelas mulheres numa sociedade machista, diante desse pressuposto evidencia-se uma mulher duplamente colonizada. A Personagem feminina é análoga a Moçambique, sendo colonizada duplamente sofre com o patriarcalismo que predomina na sociedade. Assim como no conto quantas mulheres nesse século atual vivem dessa forma, esperando o último suspiro do esposo, para a sua tão sonhada liberdade.

... as mulheres sofreram ao longo da história um processo de silenciamento e exclusão. O sujeito que fala é sempre masculino, na literatura, na lei e na tribuna. A ele são reservados os lugares de destaque, tornando o homem mais visível (DUARTE, 2002, p. 175).

Representação da vida humana neste conto, as armadilhas às quais se prendem as personagens, prisões mentais e de conveniências, o autor utiliza da voz da mulher para mostrar fatos dos cotidianos de uma sociedade moçambicana, mesmo usando a mulher, ainda podemos ver que, a mulher em si não ganhou emancipação, mas uma simples representação, como veremos logo à frente, propõem-se, uma ideia da mulher representada pelo sujeito que está buscando a sua própria identidade e liberdade.

Pela milésima vez me preparo para ir visitar meu marido ao hospital. Passo uma água pela cara, penteio-me com os dedos, endireito o eterno vestido. Há muito que não me detenho no espelho. Sei que, se me olhar, não reconhecerei os olhos que me olham. (COUTO, 2004, p. 10).

É possível observar neste fragmento do conto, uma mulher que diante de todas as convenções formais e legais, visita seu esposo, moribundo no leito de uma cama de hospital, cumprindo com seu dever matrimonial, ela narra dia a dia, como fiel esposa, porém enfatiza descrevendo sua falta de vigor, que sente desprezo por sua imagem, sem

¹ O conto *O Cesto* encontra-se transcrito em anexos.

nenhuma ambição por vaidade, o cansaço a consome assim como seu esposo é consumido no leito do hospital. Nesta primeira perspectiva, referente ao conto, trata-se da imagem da mulher submissa, construída em conformidade com o patriarcalismo, de uma forma análoga, da colonização de Moçambique.

A sua figura já sem brilho, reprimida pelo seu esposo, em que a falta de diálogo compreensão convivência fazia a viver nas sombras, um lugar destinado a servir ser útil, ao lar e cuidados dos filhos. Diante desse pressuposto fica clara a falta de liberdade, onde ela nem poderia ter vontades. Mulher submissa sem voz e com medo essa é a imagem dessa personagem, preferia calar-se, ou às vezes escrevia cartas escondidas, com ideias, se motivando, para que um dia, encontra-se coragem, falaria colocaria a sua voz a seu favor, sonhava com a sua liberdade de expressão, é nítido que a mulher não quer só a liberdade de ir e vir, mas de proclamar suas ideais, torna-las públicas, para que mais mulheres possam se sentir valorizadas, amadas, não só por sua mão de obra domestica ou sexual como esposa, mas sim como uma pessoa inteligente, dotada de qualidades a serem admiradas. Como podemos evidenciar no fragmento do conto que segue:

Já me ocorreu trocar fala por escrita. No lugar desse monólogo, eu lhe escreveria cartas. Assim, eu descontinuari no sofrer. Nas cartas, o meu homem ganharia distância. Mais que distância: ausência. No papel, eu me permitiria dizer tudo o que nunca ousei. E renovo promessa: sim, eu lhe escreveria uma carta, feita só de desabotoada gargalhada, decote descaído, feita de tudo o que ele nunca me autorizou. E nessa carta, ganharia coragem e proclamaria:
— Você, mando, enquanto vivo me impediu de viver. Não me vai fazer gastar mais vida, fazendo demorar, infinita, a despedida. (COUTO, 2004, p. 10).

Assim como vemos no conto a mulher sendo subjugada, podemos ver uma, Moçambique sem voz, reprimida por seus opressores, acatando todas as ordens impostas por seu colonizador, em que suas crenças, mitos, religião foram suprimidos e substituídos, assim é possível notarmos que o sofrimento desta personagem feminina é igual ao de seu país. E é neste ponto que o escritor quer colocar, de forma sutil, as repressões sentidas pelo povo, não só pelas as mulheres, mas sim por toda a sociedade moçambicana.

Ao se preparar para mais uma visita, a mulher defronta-se com sua imagem diante de um espelho. Coberto há muito tempo. Ela não se entristece com a figura de seu rosto consumido pelo tempo, e sim o contempla como forma de reflexão sobre o que fez de sua vida. Segue o trecho do conto onde ela faz essa análise reflexiva de sua própria imagem:

Sem querer, noto o meu reflexo. Recuo dois passos e me contemplo como nunca antes o fizera. E descubro a curva do corpo; o meu busto ainda hasteado. Toco o rosto, beijo os dedos, fosse eu outo, antiga e súbita amante de mim. O cesto cai-me da mão como se tivesse ganhado vida. (COUTO, 2004, p. 10).

Quando a personagem se observa por um relance de instante emite uma sensação de contentamento com sua imagem, percebendo que ainda existe uma certa beleza em seus traços, diante do seu cansaço físico e mental a mulher compreendeu que havia beleza em seu ser, poderia aproveitar o que restava de vida, por alguns instantes se desprende de sua tristeza, desejando a morte de seu esposo, poderia recomeçar a vida, porém ela sabia que isso só seria possível após o falecimento de seu marido, assim, ansiando pela liberdade, sonhando com um futuro diferente, para poder ir ver a qualquer momento, neste pequeno trecho é notório seu pensamento, sobre a mulher feminina e sem compromissos conjugais ao qual lhe era um fardo, “Hoje descubro a rua, feminina. A rua, pela primeira vez, minha irmã” (COUTO, 2004, p. 10).

Sonhando em libertar-se do casamento, ao deparar-se com a ideia da desejada morte do marido, nota que é prisioneira de si mesma, e não sabe viver de outra forma a não ser em submissão alheia. “O cesto em que levava a marmita diária ao hospital tem uma forte carga simbólica, pois representa a “utilidade” da “Mulher” (BORGES, 2017, p.38).

Segue o trecho onde a mulher conversa com o enfermeiro que está a sua espera, para dar a notícia. Chegando ao seu destino, o enfermeiro a aguardava para noticiar o ocorrido durante a noite, com um semblante sombrio deu a notícia. “— Seu marido morreu. Foi esta noite” (COUTO, 2004, p. 10).

Diante dos fatos o leitor esperava o renascimento da nova mulher, já sabia que não amava mais o marido, e poderia recomeçar uma nova vida, livre das amarras de um casamento machista e dominador. Porém, o autor rompe com o horizonte de expectativa do leitor, até porque a ideia da personagem era seguir em frente livre para recomeçar. Nesse ponto o autor coloca a personagem com surpresa, embora que ela já esperasse essa notícia, expressou um semblante de tristeza e pranto, nesse trecho a seguir é possível observar horizonte de expectativa.

Saio do hospital à espera de ser tomada por essa nova mulher que em mim se anunciava. Ao contrário de um alívio, porém, me acontece o desabar do relâmpago sem chão onde tombar. Em lugar do queixo altivo, do passo estudado, eu me desalinho em pranto. (COUTO, 2004, p. 10).

Com esse fragmento do conto podemos constatar que a personagem teve um arrependimento, por ter desejado a morte do próximo, em que a consciência ficou mais pesada porque este próximo era seu esposo, revelando ao leitor medo e fraqueza por ter que seguir na vida sozinha ficando descontente com a morte do esposo. Ao fazer uma análise reflexiva do conto, é notório que o autor não trata somente da mulher, como integrante de uma sociedade, ele mostra essa sociedade onde ela vive, então podemos colocar que a imagem da mulher desenvolvida no conto é também a imagem de um país, com as dificuldades impostas à mulher e a Moçambique. Não é só a analogia da mulher e Moçambique que o autor, evidência, ele propõe uma série de analogias, referenciadas a personagem feminina, como os aspectos religiosos de forma sutil, o autor coloca. “Vivo num rio sem fundo, meus pés de noite se levantam da cama e vagueiam fora do meu corpo” (COUTO, 2004, p.11). Nesta pequena frase vemos o simbolismo religioso, uma base de suas experiências de vida.

Desta forma esse trecho nos revela que a personagem vive uma ausência de si, encontrando-se sempre em um estado de espera para a sua liberdade. Outro aspecto presente é o simbólico, o espelho utilizado, pela personagem como ferramenta de reflexão sobre sua trajetória de vida. A uma abertura de consciência, quando ela vê sua imagem, mesmo que por instantes, percebendo a sua existência e notando a sua capacidade de transformação da realidade a qual vivencia.

Além de relacionar a figura da personagem com o divino, fazendo uma relação dela com o céu, conferindo a vida da personagem onde havia um apagamento, outra analogia presente no conto é o cesto com a mulher, onde esse objeto é utilizado várias vezes, porém não expressa grande beleza e sim características de dever da mulher onde ela cumpre mesmo que ninguém perceba.

Assim concluímos que diante de uma sociedade patriarcal a mulher é silenciada, seus desejos não têm vez e voz, é necessário que ela se cale para poder sobreviver, aceitando tal opressão que historicamente é internalizado, visto como algo normal um comportamento que já vinha de nossos antepassados, são essas as características de identidade do povo moçambicano na pós-colonização, que vemos ilustradas através da personagem feminina nos contos. São representações do cotidiano que nos trazem a situação dos marginalizados, pois ilustram o modo como são vistos pela sociedade e como lidam com suas diversas identidades.

4.2 As Três Irmãs

Conto “*As Três Irmãs*”², de abertura da obra *Fio das Missangas*, foi publicado em 2004. Ao analisarmos os aspectos feministas neste conto, o autor nos revela três personagens Gilda, Flornela, Evelina, que com a morte de sua mãe, são obrigadas a se mudar com o pai Rosaldo, para um lugar mais isolado de Moçambique sem convívio social. Essas três personagens possuem dons, qualidades para auxiliarem o pai em suas necessidades.

Essas três personagens são oprimidas pelo pai conservador que não considera as vontades e os pensamentos das suas filhas, sem nenhuma expressão de sentimento. Não tendo uma visão de tempo nem de futuro para as filhas, é como se elas não existissem, “[...], pois, as irmãs nem deram conta do seu crescer: virgens, sem amores nem paixões” (COUTO, 2004, p. 06). Podemos evidenciar neste trecho do conto narrado, uma sociedade conservadora, em que as personagens se configuram, como mulheres de antigamente, sem poder satisfazer suas vontades sexuais sendo reprimidas pelo patriarcado.

Assim podemos compreender a imagem da mulher nas três personagens, subalternas presas como serventes para o prazer do próximo. Outro aspecto relevante no conto são atividades domésticas as quais são destinadas, ficando evidente a falta de direito para fazerem suas próprias escolhas.

É através dos seus dons que as três personagens tomam representação na obra de Mia Couto. São pelos dons que cada uma possui que são apresentadas ao leitor; porém o modo como esses dons são descritos parece uma maldição. A vida vai se dissipando sobre seus olhos enquanto praticam incansavelmente seus ofícios. Este trecho corresponde às três filhas, e é possível verificarmos a apresentação dos dons de cada uma.

Enquanto bordava versos, a mais velha das três irmãs não notava como o mundo fosforescia em seu redor. Sem saber, Gilda estava cometendo suicídio. Se nunca chegou ao fim, foi por falta de adequada rima. No escuro húmido da cozinha, ela copiava as velhas receitas, uma a uma. Redigia palavra por palavra, devagar, como quem põe flores em caixão. Em ocasiões, outras, sobre o pano pingavam cristalinas tristezas. Chorava a morte da mãe? Não. Evelina chorava a sua própria morte. (COUTO, 2004, p. 06).

² O conto *As Três Irmãs* encontra-se transcrito em anexos.

Nesses pequenos trechos, fica nítida a solidão que cada filha sentia o vazio profundo de almas sem amor, sem a quem amar, isoladas, presas, como nos contos de fada. Essa relação de solidão se assevera mais com as atitudes autoritárias e opressivas, intensificando a ideia de a mulher na sociedade ser apenas cuidadora do lar, onde o homem possui a autoridade para mandar e desmandar na família, como se a mulher fosse um objeto de sua posse.

Segundo Bonnici (2009, p. 259) “os textos surgidos das sociedades pós-colonialistas são transformados pelo contexto ou interpretação; portanto, é altamente carregado pela ideologia dominante, que exclui e degrada qualquer outro discurso”.
 POR QUE VOCÊ TROUXE ESSA CITAÇÃO? FAÇA O LINK COM O SEU TEMA

O conto atinge seu clímax quando o autor coloca certa ambiguidade em torno do personagem masculino o pai Rosaldo, este é representado pelo comportamento machista opressor e conservador, demonstrando um interesse por um rapaz. O conto vai se tornando cada vez mais interessante, quando o autor introduz esse outro personagem masculino na história. Como podemos citar neste trecho:

As três irmãs correram, furtivas, entre as penumbras e seguiram a cena a visível distância. E viram e ouviram. Rosaldo se achegando ao visitante e lhe apertando os engasgantes. A voz rouca, afogada no borbulhar do sangue: - Você, não se meta com minhas filhas! O moço, encachoadado, rosto a meia haste. E ante o terror das filhas, o braço ríspido de Rosaldo puxou o corpo do jovem. Mas eis que o mundo desaba em visão. E os dois homens se beijaram, terna e eternamente. (COUTO, 2004, p. 06).

Diante disso fica clara a ideia que o pai tem sobre suas filhas, que elas, só servem para lhe servir, que não possuem outras capacidades. Através desse conto, constatamos uma sociedade patriarcal, conservadora que impõe as leis através do medo, que mesmo ocorrendo relações homo afetivas, constitui uma sociedade que oprime, e esconde as mulheres de seus direitos, não só mulheres, mas homens também como próprio Rosaldo são oprimidos uma vida todo, pela sua preferência sexual, onde vive uma vida de mentira

A temática da opressão feminina é arquitetada por meio de informações sobre a sociedade de Moçambique, as quais não são diretamente expostas, mas sim, através de prosa poética que cria uma narração recheada de neologismos e jogos de linguagem que remetem àquele contexto. Além disso, a opção por enredo linear e configuração similar das personagens induz à ideia de que tal representação social é contínua: representaria assim uma visão coletiva, mais universal e não particular (BOMBARDELLI, 2015, p. 93).

Perante estes pressupostos é possível detectar que mulheres na (pós) colonização não tem as suas ideias, vozes e direitos garantidos, nem pela família, nem pela sociedade e nem pelo governo, diante desse fato não incomoda somente as mulheres, mas também alguns homens. Esta forma como o autor escreve os seus contos mostra como podemos denunciar através da cultura, educação, as ações de uma sociedade patriarcal, que gera medo e conflitos não só para as mulheres, mas perante uma sociedade; são várias lutas que a educação trava contra o patriarcado e nestes contos podemos ver essa luta por princípios básicos, tanto para mulheres quanto para homens. Os direitos devem ser iguais para todos e o autor nos mostra que não tem medo do poder feminino imergir na literatura ou na educação, ou em políticas públicas, assim as narrativas de Mia Couto estimulam as suas conterrâneas a lutarem junto para melhorar a condição de vida de uma sociedade inteira.

A todas essas mulheres era negada a liberdade de poder decidir suas vidas, comandar seus destinos, sendo a sua existência determinada pela vontade alheia. A estas mulheres são negados os direitos fundamentais de personalidade, o rir, o chorar, o decidir constituir ou não família, o direito à imagem (é-lhes vedado o uso de vestidos e saias, peças de roupa femininas) o direito a serem mulheres, a identificarem-se como mulheres". (MENDES, 2012, p. 102).

Assim exposta na literatura, a imagem da mulher está ligado aos fenômenos sociais, encontramos o feminino retratado de forma abundante, a mulher protagonista da literatura. Mia Couto utiliza-se da voz e imagens da mulher não só para denunciar as agressões físicas ou mentais, mas para criar consciência coletiva, lendo-as a buscarem por políticas sociais, por direitos básicos a educação e o principal, o direito a igualdade e equidade. Quando uma sociedade passa a ouvir a voz feminina, ocorrem mudanças profundas na sociedade para todos, Couto coloca novos valores para que essas mulheres encontrem o seu lugar e desenvolvam novas identidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa sobre a análise literária dos Contos de Mia Couto *O Cesto* e *As Três Irmãs*, fica evidente a representação da mulher na sociedade contemporânea, em que o conservadorismo e o patriarcalismo ditam as leis e regras, evidencia-se a representação da mulher como um objeto para fins domésticos, ou escravista recreativo, onde são obrigadas acatar silenciosamente os ditames de homens cruéis, e realizar tarefas várias vezes sem nenhuma humanidade, ou tarefas domésticas que poderiam ser divididas com seus conjugues, são oprimidas silenciadas, não só, pela moral e bom costume de vários hipócritas, mas sofrem violência familiar, dando prosseguimento na ideia de exclusão e subjugação. As questões que os dois contos nos colocam sobre a imagem da mulher é a falta de igualdade democrática entre gêneros, há forte indícios de uma identidade feminina limitada.

Embora essa retratação seja em uma sociedade, pós-colonial, até o momento presente constitui essas ideias, porém homens e mulheres veem lutando para que essas diferenças sejam menos evidentes; embora os contos sejam escritos por um homem, a denúncia contra o patriarcado ocorreu, não só em prol do direito de igualdade das mulheres, mas sim um direito de cidadão, conseguirem se expressar dentro de um país marcado, por guerras e pelo império.

Por fim, Mia Couto nos revelou uma sociedade Moçambicana que vê a mulher, mesmo com novas políticas de igualdade e de direitos humanos, nem todas as comunidades se organizam de forma a instruir os cidadãos para melhorar a qualidade de vida delas, a mulher é uma representação metafórica de Moçambique.

O despertar da voz feminina em uma sociedade não é tão simples, a uma luta constante pelo reconhecimento, constituindo um discurso democrático ganhando espaço na sociedade pós-colonial.

Esta pesquisa atingiu os objetivos referentes aos aspectos da imagem da mulher nos contos do autor; que utiliza dos seus contos como forma de reeducar mulheres e

cidadãos, denunciar, os ditames impostos por uma sociedade precária. A pesquisa desenvolve-se no contexto da investigação nos contos de Mia Couto sobre a imagem da mulher na sociedade e como o autor descrevia a imagens destas mulheres.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo** – a experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. 2º Ed. São Paulo, SP: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BOMBARDELLI, D. **Reflexões sobre opressão feminina e sociedade conservadora em contos de o fio das missangas, de Mia Couto**. 2015. Dissertação (Mestrado em literatura comparada)- Universidade Regional Integrada, Frederico Westphalen, 2015. 101 p. Disponível em < <http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/dis-92.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2020. 18:30:30.
- BONICCI, T. **O pós - colonialismo e a literatura: estratégias de leitura** (2012) [online]. 2. ed. Maringá: Eduem.
- BONICCI, T. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá, PR: Eduem, 2007.
- BORGES, D. A. A. **A Literatura e as organizações: a contribuição de Mia Couto para o estudo de ambientes organizacionais críticos**. Brasília, 2017. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/19735/1/2017_DivinaAndreaAlvesBorges.pdf>. Acesso em 01.abr.2020.19:40:30
- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 6º Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2013.
- CANDIDO, A., et al. **A personagem de ficção**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 2-12.
- CHARTIER, R. **História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1990.
- COUTO, M. **O fio das missangas: contos**. São Paulo: Companhia das Letras.2004.
- CULLER, J. **Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo**. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.
- DA SILVA BONFIM, Vânia .M “Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora /a identidade contraditória da mulher negra brasileira”. In: **O drama da mulher negra: seu desfazimento e reconstrução**. Brasil, Editora Selo Negro, 2009. 240 p.
- DUARTE, C. L. et al. **Gênero e representação na literatura brasileira: ensaios**. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras Estudos Literários: UFMG, 2002.
- FELSKI, R. **Literature after feminism**. Chicago: University of Chicago Press,2003.
- FERREIRA, M. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**, Lisboa, ICALP, 1977. vol.1. 10 p.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A 2011.

HOLLANDA, B. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEITE, S. **Mulheres em contos: travessias no século XX**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008. 195 p.

MACEDO, A. G.; AMARAL, A. L. **Dicionário da crítica feminista**, Porto: Edições Afrontamento, 2005.

OLIVEIRA, J. **O papel da colonização africana na percepção do corpo da mulher negra: uma leitura de O Alegre Canto da Perdiz**, Revista Satori, 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-papel-da-colonizacao-africana-na-percepcao-do-corpo-da-mulher-negra-uma-leitura-de-o-alegre-canto-da-perdiz/>>. Acesso em: 01 abr. 2020. 19:30:40.

PRIORE, M.D. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2012.

SAID, E. **Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo, 2000.

SAID, E. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, W. C. S. **A mulher negra brasileira: Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 5 - Maio. 2009**. Disponível em: <<http://www.africaafricanidades.com>>. Acesso em: 10 jun. 2020, 17:30:30.

SHARPE, P. **Entre resistir e identificar-se – para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina**. Florianópolis, SC: Mulheres, 1997.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. Trad. Deise Amaral. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 23-57 p.

STAMATTO, M.I.S. **Um olhar na História: a mulher na escola (Brasil: 1549 – 1910)**. In: História e Memória da educação Brasileira, 2002, Natal. II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/WsPuX0>> Acesso em: 10 de abr. 2020. 19:30:10.

TEIXEIRA, N. C. R. B. **Escrita de mulheres e a (des)construção do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses**. Guarapuava, PR: Unicentro, 2008.

TUTIKIAN, J. **Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2006.

WITTMANN, T. **O realismo animista presente nos contos africanos (Angola, Moçambique e Cabo Verde)**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.172 p.

ZINANI, C. J. A. **História da literatura: questões contemporâneas**. Caxias do Sul: Educs, 2010.

ZOLIN, L. O. **Violência simbólica e estrutura de dominação em “a moça tecelã”**, de Marina Colasanti. In Graphos. João Pessoa, v. 9, n. 2, 2007.81-93 p.

ANEXOS

ANEXO A – “O Cesto”

Pela milésima vez me preparo para ir visitar meu marido ao hospital.

Passo uma água pela cara, penteio-me com os dedos, endireito o eterno vestido.

Há muito que não me detenho no espelho.

Sei que, se me olhar, não reconhecerei os olhos que me olham.

Tanta vez já fui em visita hospitalar, que eu mesma adoeci.

Não foi doença cardíaca, que coração, esse já não o tenho.

Nem mal de cabeça porque há muito que embaciei o juízo.

Vivo num rio sem fundo, meus pés de noite se levantam da cama e vagueiam para fora do meu corpo.

Como se, afinal, o meu marido continuasse dormindo a meu lado e eu, como sempre fiz, me retirasse para outro quarto no meio da noite. Tínhamos não camas separadas, mas sonos apartados.

Hoje será como todos os dias: lhe falarei, junto ao leito, mas ele não me escutará.

Não será essa a diferença. Ele nunca me escutou. Diferença está na marmita que adormecerá, sem préstimo, na sua cabeceira. Antes, ele devorava os meus preparados. A comida era onde eu não me via recusada.

Olho em redor: não mais a mesa posta o aguarda, pontual e perfumosa.

Antes, eu não tinha hora. Agora perdi o tempo. Qualquer momento é de meu debicar, encostada a um canto, sem toalha nem talheres. Onde eu vivo não é na sombra. É por detrás do sol, onde toda a luz há muito se pôs. Só tenho um caminho: a rua do hospital.

Vivo só para um tempo: a visita. Minha única ocupação é o quotidiano cesto onde embalo os presentes para o meu adoecido esposo.

A meu homem deram transfusão de sangue. Para mim, o que eu queria era transfusão de vida, o riso me entrando na veia até me engolir, cobra de sangue me conduzindo à loucura.

Desde o mês passado que evito falar. Prefiro o silêncio, que condiz melhor com a minha alma. Mas o não haver conversa nos deu outro laço entre nós. O silêncio abriu um correio entre mim e o moribundo. Agora, pelo menos, já não sou mais corrigida. Já não recebo enxovalho, ordem de calar, de abafar o riso.

Já me ocorreu trocar fala por escrita. No lugar desse monólogo, eu lhe escreveria cartas. Assim, eu descontaria no sofrer. Nas cartas, o meu homem ganharia distância. Mais que distância: ausência. No papel, eu me permitiria dizer tudo o que nunca ousei.

E renovo promessa: sim, eu lhe escreveria uma carta, feita só de desabotoada gargalhada, decote descaído, feita de tudo o que ele nunca me autorizou. E nessa carta, ganharia coragem e proclamaria:

– Você, marido, enquanto vivo me impediu de viver. Não me vai fazer gastar mais vida, fazendo demorar, infinita, a despedida.

Regresso a mim, ajeito no fatídico cesto o farnel do dia, nesse fazer de conta que ele me irá receber, de riso aberto, apetite devorador. Estou de saída, para a minha rotina de visitadora quando, de passagem pelo corredor, reparo que o pano que cobria o espelho havia tombado. Sem querer, noto o meu reflexo.

Recuo dois passos e me contemplo como nunca antes o fizera. E descubro a curva do corpo, o meu busto ainda hasteado. Toco o rosto, beijo os dedos, fosse eu outra, antiga e súbita amante de mim. O cesto cai-me da mão, como se tivesse ganhado alma.

Uma força me aproxima do armário. Dele retiro o vestido preto que, faz vinte e cinco anos, meu marido me ofereceu. Vou ao espelho e me cubro, requebrando-me em imóvel dança. As palavras desprendem-se de mim, claras e nítidas:

– Só peço um oxalá: que eu fique viúva o quanto antes! O pedido me surpreende, como se fosse outra que falasse. Poderia eu proferir tão terrível desejo? E, de novo, a minha voz se afirma, certa:

– Estou ansiosa que você morra, marido, para estrear este vestido preto.

O espelho devolve a minha antiquíssima vaidade de mulher, essa que nasceu antes de mim e a que eu nunca pude dar brilho. Nunca antes eu tinha sido bela. No instante, confirmo: o luto me vai bem com meus olhos escuros.

Agora, reparo: afinal, nem envelheci. Envelhecer é ser tomado pelo tempo, um modo de ser dono do corpo. E eu nunca amei o suficiente. Como a pedra, que não tem espera nem é esperada, fiquei sem idade.

E experimento, em vertigem, pose e lágrima. No funeral, o choro será assim, queixo erguido para demorar a lágrima, nariz empinado para não fungar.

Dessa feita, marido, não será você, mas serei eu o centro. A sua vida me apagou.

A sua morte me fará nascer. Oxalá você morra, sim, e quanto antes.

Deponho o vestido na mesa da sala, bato porta e saio rumo ao hospital.

Ainda hesito perante o cesto. Nunca antes eu o vira assim, desvalido. Vitória é eu dar costas a esse inutensílio. Pela primeira vez, há céu sobre a minha casa. Na berma do passeio, sinto o aroma dos franjipanis. Só agora reparo que nunca cheirei meu homem. Nem sequer meu nariz não amou nunca. Hoje descubro a rua, feminina. A rua, pela primeira vez, minha irmã.

Na entrada da enfermaria, o millesimamente mesmo enfermeiro me aguarda. Uma sombra lhe espessa o rosto.

– Seu marido morreu. Foi esta noite.

Eu estava tão preparada, aquilo já tanto acontecera, que nem procurei amparo. Depois de tanta espera, eu já queria que sucedesse. Mais ainda depois de descobrir no espelho essa luz que, toda a vida, se sepultara em mim. Saio do hospital à espera de ser tomada por essa nova mulher que em mim se anunciava. Ao contrário de um alívio, porém, me acontece o desabar do relâmpago sem chão onde tombar. Em lugar do queixo altivo, do passo estudado, eu me desalinho em pranto. Regresso a casa, passo desgrenhado, em solitário cortejo pela rua fúnebre. Sobre a minha casa de novo se tinha posto o céu, mais vivo que eu.

Na sala, corrijo o espelho, tapando-o com lençóis, enquanto vou decepando às tiras o vestido escuro. Amanhã, tenho que me lembrar para não preparar o cesto da visita (COUTO, 2004, p. 10-11).

ANEXO B – “As Três Irmãs”

Eram três: Gilda, Flornela e Evelina. Filhas do viúvo Rosaldo que, desde que a mulher falecera, se isolara tanto e tão longe que as moças se esqueceram até do sotaque de outros pensamentos. O fruto se sabe maduro pela mão de quem o apanha. Pois, as irmãs nem deram conta do seu crescer: virgens, sem amores nem paixões.

O destino que Rosaldo semeara nelas: o serem filhas exclusivas e definitivas. Assim postas e não expostas, as meninas dele seriam sempre e para sempre. Suas três filhas, cada uma feita para um socorro: saudade, frio e fome.

Olhemos as meninas, uma por uma, espreitemos o seu silencioso e adiado ser.

Gilda, a primeira Gilda, a mais velha, sabia rimar. O pai deu contorno ao futuro: a moça seria poetisa.

Mas ela versejava, menos a vida nela versava. Esse era o cálculo de Rosaldo: quem assim sabe rimar, ordena o mundo como um jardineiro. E os jardineiros impedem a brava natureza de ser bravia, nos protegem dos impuros matos.

Todas as tardes, Gilda trazia para o jardim um volumoso dicionário. O gesto contido, o olhar regrado, o silêncio esmerado. Até o seu sentar-se era educado: só o vestido suspirava.

Molhava o dedo sapudo para folhear o grande livro. Aquele dedo não requebrava, como se dela não recebesse nervo. Era um dedo sem sexo: só com nexos. Em voz alta, consoava as tónicas: Sol, bemol, anzol.

De quando em quando, uma brisa desarrumava os arbustos. E o coração de Gilda se despenteava. Mas logo ela se compunha e, de novo, caligrafava.

Contudo, a rima não gerava poema. Ao contrário, cumpria a função de afastar a poesia, essa que morava onde havia coração. Enquanto bordava versos, a mais velha das três irmãs não notava como o mundo fosforecia em seu redor. Sem saber, Gilda estava cometendo suicídio. Se nunca chegou ao fim, foi por falta de adequada rima.

Flornela: a receitista A do meio, Flornela, se gastava em culinárias ocupações. No escuro húmido da cozinha, ela copiava as velhas receitas, uma a uma. Redigia palavra por palavra, devagar, como quem põe flores em caixão.

Depois, se erguia lenta, limpava as mãos suadas e acertava panelas e fogo.

Dobrada sobre o forno como a parteira se anicha ante o mistério do nascer.

Por vezes, seus seios se agitavam, seus olhos taquicardíacos traindo acometimentos de sonhos. E até, de quando em quando, o esboço de vim cantar lhe surgia. Mas ela apagava a voz como quem baixa o fogo, embargando a labaredazinha que, sob o tacho, se insinuava.

Os fumos da cozinha já se tinham pegado aos olhos, brumecido seu coração de moça. Se um dia ela dedicasse seu peito seria a um cheiro, cumprindo uma engordurada receita.

Evelina: a bordadeira. Na varanda, ia bordando Evelina, a mais nova. Seus olhos eram assim de nascença ou tinham clareado de tanto bordar? Certa vez, ela se riu e foi tão tardio, que se corrigiu como se alma estrangeira à boca lhe tivesse aflorado.

Lhe doía se lhe dissessem ser bonita. Mas não diziam. Porque além do pai, só por ali havia as irmãs. E, a essas, era interdito falar de beleza. As irmãs faziam ponto final. Ela, em seu ponto, não tinha fim.

Dizem que bordava aves como se, no tecido, ela transferisse o seu calcado voo.

Recurvada, porém, Evelina, nunca olhava o céu. Mas isso não era o pior.

Grave era ela nunca ter sido olhada pelo céu.

Às vezes, de intenção, ela se picava. Ficava a ver a gota engravidar no dedo. Depois, quando o vermelho se excedia, escorredição, ela nem injuriava.

Aquele sangue, fora do corpo, era o seu desvairo, o convocar da amorosa mácula.

Em ocasiões, outras, sobre o pano pingavam cristalindas tristezas.

Chorava a morte da mãe? Não. Evelina chorava a sua própria morte.

Três por todas e todas por nenhum. Mas eis: uma súbita vez, passou por ali um formoso jovem. E foi como se a terra tivesse batido à porta de suas vidas.

Tremeu a agulha de Evelina, queimou-se o guisado de Flornela, desrimou-se o coração de Gilda.

No tecido, no texto, na panela, as irmãs não mais encontraram espelho.

Sucedeu foi um salto na casa, um assalto no peito. As jovens banharam-se, pentearam-se, aromaram-se.

Água, pente, perfume: vinganças contra o tudo que não viveram. Gilda rimou “vida” com “nudez”, Flornela condimentou afrodisiacamente, Evelina transparentou o vestido.

Ardores querem-se aplacados, amores querem-se deitados. E preparava-se o desfecho do adiado destino.

Logo-logo, as irmãs notaram o olhar toldado do pai. Rosaldo não tirava atenção do intruso. Não, ele não levaria as suas meninas! Onde quer que o jovem vagueasse, o velho pai se aduncava, em pouso rapineiro. Até que, certa noite, Rosaldo seguiu o moço até à frondosa figueira. Seu passo firme fez estremecer as donzelas: não havia sombra na dúvida, o pai decidira por cobro à aparição. Cortar o mal e a raiz.

As três irmãs correram, furtivas, entre as penumbras e seguiram a cena a visível distância. E viram e ouviram. Rosaldo se achegando ao visitante e lhe apertando os engasganetes. A voz rouca, afogada no borbulhar do sangue: – Você, não se meta com minhas filhas! O moço, encachoadado, rosto a meia haste. E ante o terror das filhas, o braço ríspido de Rosaldo puxou o corpo do jovem. Mas eis que o mundo desaba em visão. E os dois homens se beijaram, terna e eternamente. Estrelas e espantos brilharam nos olhos das três irmãs, nas mãos que se apertaram em secreta congeminção de vingança.

Há muitos sóis. Dias é que só há um. Para Rosaldo e o visitante, esse foi o dia. O derradeiro (COUTO, 2004, p. 6-7).